

**O cenário sócio-histórico brasileiro no início do século xx: o surgimento do movimento pentecostal, Frida Maria Strandberg e as lutas das mulheres**

**The sócio-historical Brazilian scenery in the beginnings of the XX century: The rise of Pentecostal movement, Frida Maria Strandberg and struggles of women**

*Valéria Cristina Vilhena*<sup>1</sup>

**RESUMO**

O artigo tem como objetivo traçar uma base histórica-social como pano de fundo para o surgimento do movimento pentecostal tal como o conhecemos hoje. Para tanto, optamos em trazer apontamentos sobre a interface da ação missionária da Assembleia de Deus e a história do Brasil, com destaque para a atuação de Frida Maria Strandberg no início do Movimento Pentecostal Brasileiro em contraponto com a atuação de mulheres no âmbito secular. A partir do contexto histórico-social traçado, alguns artigos dos Jornais *Boa Semente* (1919 a 1930), Belém do Pará, *O Som Alegre* (1929 a 1930), Rio de Janeiro, e o jornal *Mensageiro da Paz*, como resultado da fusão dos dois anteriores que foram extintos após a Primeira Convenção das Assembleias de Deus, em setembro de 1930, são analisados para que depreendamos as questões de gênero e a atuação teológica de Frida Maria Strandberg e seus posicionamentos, especialmente após a Convenção mencionada.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, História Cultural e Artes. Mestra em Ciências da Religião. Fundadora da EIG-Evangélicas pela Igualdade de Gênero, autora do livro: *Uma Igreja Sem Voz. Análise de Gênero da Violência Doméstica entre Mulheres Evangélicas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

**PALAVRAS-CHAVE**

Gênero; Base histórica-social; Assembleias de Deus; Frida Maria Strandberg.

**ABSTRACT**

The article aims to draw a historical-social basis as the backdrop for the emergence of the Pentecostal movement as we know it today. In order to that, we bring some notes about the interface of the missionary activity of the Assembly of God and the history of Brazil, highlighting the work of Frida Maria Strandberg at the beginning of the Brazilian Pentecostal Movement as a counterpoint to the work of women in the secular context. Departing from the historical-social context presented, some articles of the Newspapers *Boa Semente* (1919 to 1930), Belém do Pará, *O Som Alegre* (1929 to 1930), Rio de Janeiro, and *Mensageiro da Paz*, that resulted from the two previous ones that were extinguished after the First Convention of the Assemblies of God in September 1930, are analysed in order to clarify the gender issues and the theological work of Frida Maria Strandberg and her positions, especially after the above mentioned Convention.

**KEYWORDS**

Gender; Historical-social basis; Assemblies of God; Frida Maria Strandberg.

**Nação à brasileira**

A história do Brasil até nossos dias tem sido escrita e ensinada pela ótica dos vencedores, ou seja, da classe dominante, uma elite político-religiosa e dos grupos socialmente aceitos, normalmente compostos, em sua maioria, por homens brancos e heteros<sup>2</sup>, os quais, por sua vez,

---

<sup>2</sup> Nesse sentido a heterossexualidade está sendo compreendida não somente como a atração pelo sexo oposto, mas como política normativa que impõe à todos os corpos como natural. No entanto como norma é um regime biopolítico punitivo.

frequentemente tomam a religião como instrumento de exploração-dominância-controle, transvestidos de libertação.

No entanto, a religião pode servir de aparato acobertador de várias intencionalidades. Para compreendermos a trajetória da sueca religiosa Frida Maria Strandberg, bem como da vida individual das mulheres e, conseqüentemente, do movimento de mulheres, é necessário compreender alguns momentos históricos brasileiros. A cultura colonial-escravagista ainda repercute na sociedade, especialmente na vida das mulheres, como dados a serem assimilados tanto pelos movimentos feministas quanto por aqueles contrários a eles. Pessoas pobres foram exploradas. Pessoas foram ardilosamente vilipendiadas e as relações de gênero e as relações raciais são parte desse sistema exploratório.

As mulheres foram ainda mais exploradas do que os homens, pois sua vulnerabilidade não está apenas em um sistema vinculado à exploração econômica. Para além das contingências da exploração econômica, elas foram cerceadas para os serviços domésticos, para a maternidade não desejada, para o espaço privado, para a sujeição ao marido, aviltadas pelo estupro e dominação, independentemente de classe. As mulheres negras e indígenas foram e ainda estão sujeitas a maiores vulnerabilidades.

As transformações sociais resultam de um tecido tramado com diferentes pontos, nesse caso também por mulheres, sejam elas ricas, pobres, negras ou indígenas, mas todas envolvidas com os direitos das mulheres. Entretanto, a história muitas vezes não destaca as transformações advindas da colaboração das mulheres. Após três séculos de colonização-exploratória, uma intercorrência, um ponto na curva como fissuras históricas alterarão, a partir de uma nova perspectiva, a perspectiva de gênero a história que deveria ser a história herdada.

A transferência da sede da monarquia portuguesa para o Brasil marcará uma nova época de evolução social, política e econômica no Brasil e, também, com efeitos da hegemonia da religião católica, pela entrada dos protestantes. O regime colonial foi sendo substituído, todavia sua ideologia foi resistindo e novas estruturas com velhas mentalidades desvelaram uma nação regida com o mesmo passado patriarcal, sexista, misógino, racista, homofóbico advindo tanto do catolicismo quanto do protestantismo.

Anacronismos nomeados de “tradição” dão continuidade à colonização exploratória tanto no campo econômico quanto social, por outros meios e, em braços estrangeiros. Em certas regiões do Brasil, o trabalho livre mal estruturado segue até os dias de hoje<sup>3</sup>. A produção extensiva para o mercado exterior, antes explorado pelo império português, foi transferida para o império inglês, principalmente, a partir da Revolução Industrial, quando, ao final do século XIX, passou ao comando do império norte-americano.

Embora não sendo mais colônia, o Brasil mantém um “espírito colonizador” e de subordinação aos novos impérios que conservam as primícias de exploração. Em meio ao caráter exploratório que se iniciou com a madeira e depois com a pele, a pesca, açúcar, tabaco, ouro, diamante, algodão e o café. O Brasil foi construído para responder a interesses do homem branco europeu. O Brasil de hoje é fruto do sonho europeu de prosperar a custo do sangue de homens e mulheres, indígenas, negros e pobres. As mulheres negras, para além da obediência da servidão pelo trabalho, terão que alimentar, com seu peito, as crianças brancas e satisfazer o desejo sexual de seu dono. Portanto, nossa história fez-se a protelados de direitos à igualdade, ao respeito e ao reconhecimento da miscigenação do povo para deixar à ‘parte branca’ as decisões políticas, econômicas, sociais e culturais. Não se pode construir igualdade, fortalecer democracia sem o reconhecimento desta base de construção da nação brasileira.

### ***Belle Époque para quem?***

A região amazônica, com sua extensa rede hidrográfica de 7,8 milhões<sup>4</sup> de quilômetros quadrados, constitui a Grande Amazônia da América do Sul setentrional, que oferece, aproximadamente, 20% da água

<sup>3</sup> Um exemplo é a categoria das empregadas domésticas que recebeu, somente no ano de 2015, os direitos trabalhistas (e não de maneira integral) que outras categorias já haviam conquistado há algumas décadas e com resistência das novas elites com as mesmas mentalidades colonialistas.

<sup>4</sup> LOURENÇO, José Seixas. Amazônia: trajetória e perspectivas. Em Brasil um Século de Transformações. Orgs. SACHS, Ignacy, WILHEM, Jorge, PINHEIRO, Paulo Sérgio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 350-355.

potável do planeta. Trata-se de uma região riquíssima com vasta biodiversidade e com populações indígenas que dominam o conhecimento de 1.300 plantas de princípios ativos medicinais<sup>5</sup>.

No século XIX, deu-se a exploração da borracha, assim como se explorou a cana-de-açúcar e o ouro das Minas Gerais e, mais tarde, o algodão e o café. No mesmo período, foi criado o Território Federal do Acre, atual Estado do Acre<sup>6</sup>. O período da borracha viveu seu auge entre 1879 e 1912, tendo depois um período de sobrevida entre 1942 e 1945, durante a II Guerra Mundial (1939-1945).

Tais transformações sociais e culturais foram sentidas além da região Norte. O Brasil todo sentiu seu impacto tanto no apogeu, quanto no seu declínio, porque era exatamente naquela região que se concentrava a entrada das libras esterlinas, moeda dominante na época, necessária para a manutenção do comércio internacional e do pagamento da dívida externa e, sobretudo, para o alívio orçamentário, que permitiu o embelezamento do Rio de Janeiro, capital do Brasil na época.

No primeiro período, chamado da I Batalha da Borracha (1850 a 1915), o Acre foi ocupado por correntes de nordestinos que fugiam da grande seca. Foi o momento de grande procura do mercado internacional pela borracha natural ocasionada, principalmente, pelo desenvolvimento da indústria automobilística.

Alguns autores estimam que não menos de meio milhão de nordestinos sucumbiu às epidemias, ao impaludismo, à tuberculose ou ao beribéri na época do apogeu da borracha. Sem nenhuma reserva de vitaminas, os trabalhadores das terras secas empreendiam a longa

<sup>5</sup> Mais de 25% de todas as drogas prescritas no mundo de hoje contém substâncias ativas derivadas de plantas que se desenvolvem em florestas tropicais. (LOURENÇO, José Seixas. *Amazônia: Trajetória e Perspectiva*. Em *Brasil: um século de transformações*. SACHS, Ignacy.; WILHEIM, Jorge.; PINHEIRO, Paulo Sérgio. (Orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 350). Imaginemos quanto conhecimento foi exterminado junto com os povos nativos.

<sup>6</sup> Essa área foi adquirida da Bolívia em 1903 (outro engodo histórico), por meio da compra no valor de 2 milhões de libras esterlinas uma extensão territorial de 191.000 km<sup>2</sup>, para o Brasil. Veja: GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre (RS): L&PM, 2015, p. 124; COÊLHO, Eunice Mariano. *ACRE: O Ciclo da Borracha (1903-1945)*. Niterói: UFF, 1982.

viagem para a floresta úmida. Ali os aguardava, nos pantanosos seringais, a febre. Iam amontoados nos porões dos barcos, em tais condições que muitos sucumbiam antes de chegar; antecipavam assim seus próximos destinos. (...) Em 1878, dos 800 mil habitantes do Ceará, 120 mil seguiram rumo ao Amazonas, mas só chegou menos da metade; os restantes foram abatidos pela fome ou pelas doenças, nos caminhos do sertão ou nos subúrbios de Fortaleza<sup>7</sup>.

No final do século XIX e início do século XX floresciam as transformações decorridas da revolução da indústria automobilística. Neste período, surgiram grandes corporações nos Estados Unidos e Alemanha<sup>8</sup>. Portanto, foi um período de consolidação do capital estrangeiro, porque o capital bancário estrangeiro servia ao capital industrial, consolidando a política imperialista por meio da economia da borracha no Brasil. O liberalismo industrial visava apenas ao aumento da riqueza, sem se preocupar com a situação de miséria no espaço urbano em que estavam envolvidos os produtores. Entre 1877 e 1879, o Nordeste brasileiro sofreu uma das piores secas de sua história. Portanto, o crescimento do período da borracha só foi possível devido ao fluxo de pessoas famintas e flageladas que fugiam da seca nordestina, rumo aos seringais do Norte.

Não só a febre; na floresta também aguardava um regime de trabalho semelhante à escravidão. O trabalho era pago em espécie – carne seca, farinha de mandioca, rapadura, aguardente – até que o seringueiro saldasse a suas dívidas, milagre que só raras vezes acontecia. Havia um acordo entre os empresários para não dar trabalho a quem tivesse dívidas pendentes; os guardas rurais, postados nas margens dos rios, disparavam contra os fugitivos. Dívidas se somavam às dívidas. À dívida original, pelo transporte do trabalhador desde o Nordeste, agregava-se a dívida pelos instrumentos de trabalho, facão, faca, baldes, e como o trabalhador comia, e, sobretudo bebia, pois

---

<sup>7</sup> GALEANO, 2015, p. 123.

<sup>8</sup> O movimento pentecostal começa em South Bend, cidade do Estado Indiano, dos EUA. Nesta cidade havia uma fábrica de automóveis que usou borracha brasileira, bem como fabricante de bolas de borracha e pneus. (SIPIERSKY, P. D. A inserção e expansão do pentecostalismo no Brasil. In História das Religiões no Brasil. Recife: UFPe/Cehila, 2002.)

no seringal nunca faltava a aguardente, quanto mais antigo ele fosse, maior era a dívida que acumulara. Analfabetos, os nordestinos eram vítimas indefesas dos passes de mágica da contabilidade dos administradores<sup>9</sup>.

O cinturão da miséria foi construído no Norte e Nordeste para que, até os dias de hoje, se incutisse a ideia de meritocracia por riqueza ou pobreza<sup>10</sup>. Uma faixa de miserabilidade sustenta a riqueza de poucos. Uma região onde o direito à propriedade é sagrado, mas a sacralidade é dos latifundiários e a reforma agrária não prospera entre os trabalhadores. *A Belle Époque* foi o momento de superação do sentimento de “atraso histórico”. Era um novo estilo de vida e de uso dos espaços para poucos. Assim se realizaram as condições da *Belle Époque* na Amazônia. O lado festivo, urbano e civilizado procurou esconder as monstruosidades cometidas aos seringueiros que, literalmente, tombavam no esquecimento sem nenhuma Lei trabalhista para ampará-los.

Uma classe que necessitava consumir o que era valorizado lá “fora”, o que vinha de “fora”, do estrangeiro, que precisava se aproximar do capital europeu ou norte-americano, paradigma do progresso e da civilidade. Desta forma, foi implantado um gosto de consumo que valorizava o que vinha de fora. Cada novo seringal aberto era um novo ponto de vendas de bens e consumo. As mulheres tinham seus comportamentos controlados e serviam quase como uma vitrine<sup>11</sup> da moral e dos bons costumes. Um dos resultados da construção do capitalismo foi o consumo exacerbado, a criação do desejo para que assim nascesse a necessidade,

<sup>9</sup> GALEANO, 2015, p. 124.

<sup>10</sup> Por exemplo, o norte-americano comprou e usurpou metade das terras ao norte do rio Negro, e para a United States Steel Co., foi dado, pelas mãos do general Garrastazu Méndez enormes jazidas de ferro e manganês da Amazônia. GALEANO, 2015, p. 122.

<sup>11</sup> Michelle Perrot trabalha “Mulheres Públicas” sobre as figuras femininas em espaços urbanos parisiense no séc. XIX escreve “esculturas monumentais, alegorias religiosas, cartazes publicitários ou políticos tomam o corpo das mulheres como suporte de suas mensagens... as mulheres têm uma função de representação...sua elegância, seu luxo e mesmo sua beleza exprimem a riqueza ou o prestígio de seus maridos...a prostituição...assume as formas mais diversas”. (PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru (SP): EDUSC, 2005, p. 15).

sobretudo, nas mulheres, do consumo, como se fosse próprio da natureza feminina desejar consumir mais que tudo na vida. O lema era estar na moda e para estar na moda prolifera-se a pobreza.

No entanto, a promoção da satisfação pelo consumo do que tem dentro do último vapor era para quem poderia comprar. Assim, prontamente se constrói a diferença hierarquizada que nada mais é do que diferença de classe em uma construção de gênero<sup>12</sup>. As sociedades contemporâneas foram definindo papéis, desejos e funções diferenciadas nos sujeitos. A mulher, como propriedade do pai e, por conseguinte, do marido, sem direitos políticos, econômicos e sociais foi atravessando a história nos diferentes lugares sociais, mas não sem resistência. Nessa história de exploração, foram as mulheres as principais responsáveis pelo bem-estar da família, o cuidado com a saúde dos filhos, do marido, a higiene doméstica, a reafirmação do espaço privado, como sendo o seu espaço de atuação, mesmo quando houve a necessidade de trabalharem na fábrica. Izilda<sup>13</sup> fala sobre a “maternologia” vinculada às ideias higienistas, à mulher como redentora da maternidade e protetora da infância.

### ***Belle Époque* para os ricos e Assembleias de Deus para os pobres**

Com o brevíssimo cenário histórico-social descrito acima, em 19 de novembro de 1910, os missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg chegaram ao ‘topo da luz’ da escadaria de pedra em Belém do Pará, com suas roupas de inverno, como passageiros da terceira classe do navio Clemente. Os evangélicos batistas que haviam passado pela pentecostalização norte-americana já estavam no Brasil com o espírito puritano

---

<sup>12</sup> Michelle Perrot no texto, “Os silêncios do corpo da mulher”, em *O corpo feminino em debate* (MATOS, Maria Izilda S. De, e SOIHET, Rachel (org.), São Paulo: Unesp, 2003) em debate faz uma leitura feminista interessante que contribui para esse contexto da mulher no espaço público. Ela diz que o corpo da mulher é comparável aos dois corpos: do rei (o corpo privado deve permanecer oculto) e o público (aquele que é exibido, apropriado e carregado de significação). Por isso a existência da prostituta, da esposa, da polaca. Neste caminho, explica-se pela via da “miséria sexual” de Perrot como alimento para a prostituição e a galanteria. (p.15)

<sup>13</sup> MATOS, Maria Izilda S. De, e SOIHET, Rachel (org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Unesp, 2003..

dos que estão à margem, mas com novas motivações dos pobres e para os pobres de Belém do Pará.

(...) o pietismo batista, segundo Maciel (1988), caracteriza-se por uma vivência mais ligada ao passado, por meio da bíblia e em interpretação literalista e a histórica, e ao futuro, na perspectiva da vida extraterrena, quando o cotidiano se dilui e enfraquece. A sociedade com seus atrativos era vista em perspectiva negativa (mundana) e o viver cotidiano era um peso a ser suportado como “lugar de provação”. A apresentação do cristianismo batista no Brasil, segundo este autor, acompanhou àquela forma agressiva que sempre acompanhava as atitudes proselitistas dos missionários. Para ele, o pietismo foi o movimento que inspirou e enviou a maior parte de missionários americanos para o Brasil e penetrou as organizações eclesiais, impondo categorias e meios de interpretação da bíblia, do comportamento pessoal e da vida em geral das pessoas<sup>14</sup>.

Em Estocolmo, segundo Kajsa Norell<sup>15</sup>, as ilustrações das histórias em quadrinhos para crianças da igreja demonstravam que nessa época na igreja pentecostal brasileira havia um número maior de mulheres do que toda a população da Suécia. As ilustrações mostravam o quanto os missionários achavam a comida intragável, como ficaram exaustos no navio que ancorou no rio Amazonas e os barcos menores nos quais atracaram em terra firme. Também ilustravam que, somente depois de todos desembarcarem, os passageiros da terceira classe saíam e pisavam em solo brasileiro.

Na época do período da borracha, a Belém *Belle Époque* se constituiu exceção diante de tantas outras realidades pobres do Brasil e esta situação incomodou Anders Petter Franklim, líder sueco do movimento pentecostal que entrou em conflito com a Suécia por causa dos seringueiros daqui<sup>16</sup>. No entanto, Kajsa Norell<sup>17</sup> afirma que os suecos fundadores

<sup>14</sup> RIBEIRO, Ezilene Nogueira. *Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) E a Inserção Batista de Belém do Pará*. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n. 9, 2011, p. 5.

<sup>15</sup> NORELL, Kajsa. *Halleluja Brasilien! Em resa till knarkgängens, favelas och den helige andens land*. Stockholm: Ed. Bladh by Bladh, 2011.

<sup>16</sup> NORELL, 2011.

<sup>17</sup> NORELL, 2011, p. 44.

das Assembleias de Deus não pareceram inconformados. Sobre os anos nos quais Gunnar e Daniel passaram aqui, não há registro de qualquer envolvimento com a busca de transformação social.

Havia foco pentecostal ou igrejas pentecostalizadas na cidade de South Bend, Indiana, Estados Unidos. Devido ao fato desta cidade possuir uma fábrica de automóveis, havia uma ligação econômica com o Brasil através da importação de material bruto do Pará. Por conta disso, os fundadores Daniel Berg, Vingren e o sueco Adolf Ulldin tomaram conhecimento do Brasil, ao se converterem ao pentecostalismo. O historiador Paulo Siepieski<sup>18</sup> relata que os jornais da cidade escreveram sobre o Pará, relacionando-o com a borracha. Por volta dos anos 1900, o assunto “cidade da borracha” já estava na mente das pessoas na região de Chicago.

Daniel Berg e Vingren também tiveram acesso aos relatórios do missionário Erik Nilson que já tinha viajado dos EUA para o Pará, em 1887. Erik Nilson viveu com seus pais em Kansas, onde Gunnar também viveu. Tais detalhes são importantes, porque evidenciam as relações sociais construídas ao longo do tempo e que resultaram na fundação das Assembleias de Deus no Brasil. Além disso, auxiliam na compreensão das chamadas “revelações de Deus” aos fundadores, ou seja, como os missionários interpretaram os fatos cotidianos ocorridos a partir da devoção à religião e realizaram uma interpretação subjetivada destes fatos<sup>19</sup>.

Cabe a ressalva para o “padrão migratório” na época, conforme salienta Norbert H. C. Foerster<sup>20</sup>, ou seja, o destino da maioria dos migrantes suecos era seguir um parente que já havia migrado para os Estados Unidos. Assim sendo, Gunnar também saiu da Suécia e foi morar com seu tio Carl Vingren, em Kansas City. Logo as informações eram trocadas.

<sup>18</sup> SIPIERSKY, P. D. *A inserção e expansão do pentecostalismo no Brasil*. In História das Religiões no Brasil. Recife: UFPe/Cehila, 2002.

<sup>19</sup> Não estamos aqui partindo do pressuposto de ‘desonestidade’ por parte dos missionários ou religiosos em geral, mas no fato da interpretação que se dá às ações ocorridas, podendo ser elas as mais corriqueiras.

<sup>20</sup> FOERSTER, Norbert H. C. Migração e religião: padrões de migração no pentecostalismo mais antigo brasileiro. Universidade Metodista de São Paulo. Estudos de Religião, v. 24, n. 38, 101-128, jan./jun. 2010. Disponível em: <://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/1985/2022>. Acesso em: 20.01.2016.

Em relação à produção da matéria-prima do Norte brasileiro, Paulo Siepierski, referindo-se às pesquisas de Paul Freston, afirma:

Na realidade, “Pará” era uma palavra muito conhecida na região de Chicago. Desde o aperfeiçoamento do processo de vulcanização efetuado por Charles Goodyear em 1839 a borracha havia se tornado um insumo industrial essencial. Entre 1860 e 1910 a Amazônia reinou absoluta como fornecedora de borracha para a indústria mundial— esse é também o período em que Chicago se torna o centro industrial dos Estados Unidos – e o tipo “Pará” era considerado o padrão mundial de qualidade dessa matéria-prima. No início deste século, longe de ser um local desconhecido no canto do mundo, Pará, como Belém (Santa Maria de Belém do Grão Pará), era conhecida naquela época, abrigava centenas de casas de exportação, que estavam em contato com o mundo todo. O nome “Pará” era uma constante nos centros industriais, como Chicago, principalmente em 1910, quando o governo brasileiro através da política conhecida como “valorização” forçou o preço da borracha tipo “Pará” acima de seis dólares por quilo, triplicando o preço em relação aos anos anteriores. Em South Bend, especificamente, onde em 1910 Olof Adolf Ulldin profetizou para Vingren e Berg que eles deveriam ir para “Pará”, havia uma fábrica de automóveis, a Studebaker Automobile Company, que usava muita borracha oriunda do Brasil. Em Mishawaka, cidade contígua a South Bend, havia também uma grande importadora de borracha tipo “Pará”, a Mishawaka Woolen Manufacturing Company, que era a maior empregadora da cidade e fabricava artefatos de borracha, como sapatos, botas, capas de chuva, pneus, et... Como a borracha era um insumo muito caro, havia várias fábricas de reaproveitamento das sobras de borracha. Em Mishawaka havia a Rubber Regenerating Company, que começou a operar em 1909. Uma de suas competidoras, a Bloomingdale Rubber Company, da Pensilvânia, colocou no mercado em 1914 um tipo de borracha reaproveitada de pneu sólido denominado “Black Pahrah”, em clara referência à qualidade da borracha tipo “Pará”. Em 1910, a borracha era um assunto importante em South Bend, com uma rápida olhada nos jornais da época revela<sup>21</sup>.

Tanto a composição econômica, quanto o padrão migratório são bases de compreensão para um cenário possível para os missionários suecos

<sup>21</sup> SIEPIERSKI, 2002, p. 17.

escolherem Belém do Pará aqui no Brasil para campo de missão. E Siepierski continua:

Fora as alusões a borracha, praticamente não há nenhuma referência ao Brasil nos jornais em 1910. A exceção fica por conta da visita aos Estados Unidos do presidente eleito Hermes da Fonseca, em agosto, e da revolução republicana em Portugal no início de outubro. Entretanto, o principal jornal sobre borracha [The India Rubber World] dedicou em 1910 uma série de artigos sobre Pará, resultado da visita do editor desse jornal, Henry C. Pearson, ao Brasil quando do Congresso Comercial, Industrial e Agrícola de Manaus. Os comentários de Pearson sobre o cotidiano no Pará [Belém] estão ilustrados com dezenas de fotos e mapas. Em seu discurso em um coquetel realizado no Hotel da Paz ele fala sobre a beleza da cidade e suas vantagens sobre as cidades norte-americanas, citando o sistema de trolley cars, a ausência de poluição e a limpeza. A julgar pelo número de cartas que o editor recebeu, seus artigos despertaram o interesse de muita gente sobre o Pará e a região amazônica. O diretório da cidade de South Bend para o ano 1910 lista Uldin como pintor e empregado da Oliver Chilled Plow Works, uma fábrica que exportava implementos agrícolas para diversos países. Ele era membro da First Swedish Baptist Church, cujo pastor, Henry Nelson, deixou-a em junho de 1910, quando então F. A. Sandgren assumiu interinamente o pastorado. A partir desse momento o anúncio da igreja no The South Bend Tribune passou a conter a seguinte declaração: “Essas reuniões são todas segundo as linhas pentecostais”. Pouco tempo depois, porém, a direção da denominação lacrou as portas do templo para impedir a realização dessas reuniões pentecostais. Assim o grupo passou a se reunir na casa de Uldin e posteriormente ajudou a fundar a First Assembly of God de Mishawaka. O templo da First Swedish Baptist Church passou, em 1921, para a Grace Zion Church e posteriormente, nos anos 70, para a Miracle Temple Church of God in Christ<sup>22</sup>.

Esse cenário social propiciou a vinda dos missionários a Belém do Pará. Antes de sua vinda, em 1909, Gunnar Vingren é pastor da igreja em South Bend na Indiana e será na casa de Uldin que Gunnar receberá a mensagem “profética” que lhe dará a certeza de sua missão ao Brasil

<sup>22</sup> SIEPIERSKI, 2002, p. 17.

juntamente com seu companheiro Daniel Berg. E ao chegarem ao Brasil como líderes batistas nos EUA se alojam no porão da casa de um pastor batista, pastor Eurico Nelson.

Desde o início, um universo supersticioso e místico dos pentecostais se revela e, neste sentido, a jornalista Kajsa Norell assevera: “Afirmavam como algo de Deus coisas muito óbvias da religiosidade popular brasileira”<sup>23</sup>. Seu texto demonstra que o Brasil era “terra fértil” para o movimento pentecostal, pois o povo misturava facilmente muitas religiões e crença em espíritos, mesmo aqueles que pertenciam a Igreja Católica. Essa característica do povo era boa para o movimento pentecostal, porque os evangélicos pentecostais tinham como base a ênfase na doutrina do Espírito Santo. Kajsa presumiu como “terreno fértil”, ao estudar o pentecostalismo brasileiro: uma religião com ênfase sustentável sobre o Espírito Santo e, portanto, facilmente acessível aos brasileiros.

Nessa “terra fértil”, também não se pode desconsiderar que, desde sua origem, o Brasil, como tantos outros países colonizados foi governado pela elite, que no caso brasileiro tem suas peculiaridades, mas, sobretudo tais interesses elitistas sempre predominaram sobre a grande massa populacional. Deixando aquém da malha protetiva do Governo elitista brasileiro grande parte da população. Os escassos direitos básicos indicam que se não existe um Governo para cuidar da população, a igreja apresenta-se como a única forma de os pobres brasileiros serem cuidados, mesmo que seja no âmbito espiritual.

Desde então, ou seja, até nossos dias, nas periferias, nos morros, nas comunidades empobrecidas e mais violentas, não é raro que seja a igreja Assembleia de Deus e/ou demais igrejas pentecostais a resposta às necessidades básicas das pessoas, pois na igreja elas encontram alívio, mesmo que espiritualizado, para continuar a ter força, energia e vigor para viver. Isto se verifica na história das Assembleias de Deus, quando se atenta aos dados relacionados ao seu crescimento. E, mesmo quando os fiéis chegam a acessar bens e direitos, não reconhecem como ampliação de direitos sociais, mas como dádivas de Deus.

Em 1910, os primeiros sinais de crise no comércio de exportação da borracha silvestre tornaram-se evidentes. Com a significativa diminuição

---

<sup>23</sup> NORELL, 2011, p. 8.

da exportação da borracha, os efeitos da crise abalaram diretamente a praça comercial de Manaus, afetando todos os segmentos da economia regional. O seringueiro dependia diretamente da comida e do material de trabalho que era fornecido pelo seringalista. Com a queda do período da borracha, os nordestinos começaram a retornar para suas terras, isto é, do Norte ao Nordeste. Eram esses pobres os principais grupos alcançados pelo pentecostalismo na passagem por Belém, ao mesmo tempo em que também se dirigiam ao Norte e Nordeste, a partir de Belém.

Sociólogos como Marx e Durkheim, entre outros que se debruçaram ao fenômeno religioso para a compreensão do papel fundamental que a religião poderia ou não exercer na vida social, constataram que nos períodos de crise a adesão à religião e as práticas religiosas tendem a crescer. Norell afirma que os missionários suecos viram nesse caos social uma boa oportunidade de evangelizar: “Gunnar vê a crise da borracha e o sofrimento do povo como algo bom, ou seja, os pobres ficariam mais receptivos a mensagem pentecostal”<sup>24</sup>.

Os fundadores viam na necessidade a oportunidade, pois poderiam ajudá-los com alimentos e roupas, e assim abririam seus corações ainda mais facilmente para o senhor Jesus Cristo. Gunnar escreveu para o jornal *The Herald* que os pobres brasileiros, especialmente as crianças, viviam em piores situações que os animais domésticos na Suécia e assim solicitava que as pessoas enviassem dinheiro para as missões suecas aqui no Brasil. Lina e Samuel Nyström escreveram, em 1917, que era um momento difícil no Pará. Neste momento, a igreja se orgulhava em se manter longe da crise secular: “As pessoas pobres que fugiam da seca do Nordeste foram destinatárias físicas da mensagem pentecostal”<sup>25</sup>. A situação socioeconômica foi fundamental para o crescimento da igreja.

### **Um contexto ampliado para um olhar restrito**

Escrevemos as próximas linhas como um aporte ou uma indicação de que seja necessário um olhar mais amplo que leve ao evento da Primeira

---

<sup>24</sup> NORELL, 2011, p. 9.

<sup>25</sup> NORELL, 2011, p. 85.

Guerra Mundial (1914-1918) para a compreensão da chegada do pentecostalismo ao Brasil. O conflito da primeira guerra evidencia a sucessão de equívocos praticados pela elite nacional local fragilizando ainda mais o sistema econômico vigente. Os impactos da Guerra na cidade de Manaus foram sentidos de imediato. Os navios que transportavam produtos para o Estado não conseguiam chegar, provocando longos períodos de falta de alimentos na cidade. Entretanto a partir da I Guerra os contextos históricos Brasil-Suécia passam também a importar à medida que nos faz perceber a construção sociocultural e política, especialmente, para as mulheres neste período. Há uma construção perversa registrada na história que, muitas vezes, é intencionalmente ignorada. Para entender as atitudes políticas e sociais referentes às mulheres é preciso reconhecê-las como consequências históricas ou heranças socioculturais.

Não se trata de comparar Brasil e Suécia, mesmo porque falamos de culturas e de territórios incomparáveis. De um novo e de um velho mundo. Neste, sempre houve uma forma totalmente diferente de formar intelectuais e religiosos. Contudo, nesse período, os países nórdicos em geral, incluindo a Suécia, passavam por situações de fome, desemprego e injustiça social, embora em escala diferenciada do Brasil. A economia da Suécia era agrária e rudimentar, pois quase 90% dos habitantes viviam do trabalho do campo. Nos bairros operários da capital, Estocolmo, a insalubridade era fortíssima e os operários alugavam camas em casas paupérrimas e superlotadas, bem semelhante ao que ocorria com os trabalhadores indígenas, negros e, posteriormente, imigrantes nas capitais brasileiras, a exemplo no Norte brasileiro do “período da borracha” e da *Belle Époque* para poucos. No entanto, os missionários suecos que adviram dos Estados Unidos tiveram a oportunidade de sair desta realidade sueca. Estavam trabalhando na “Grande América”, isto é tão genuíno que estranharam a realidade do norte brasileiro e pediam ajuda à igreja sueca Filadélfia, a qual pode doar pequenas assistências.

Diferentemente do Brasil, a Suécia, nesse período, já gozava de equilíbrio entre os poderes do parlamento e do rei, que foi constitucionalmente estabelecido em 1809<sup>26</sup>. Mesmo sendo um país pequeno no

<sup>26</sup> WALLIN, Claudia. *Um país sem excelências e Mordomias*. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

norte da Europa, chegou a ser potência militar no século XVII. Passou no século XVI pela reforma luterana e difundiu sua fé reformada cristã. No entanto, no século XIX, a Suécia tinha se tornando pobre, de população de maioria rural, que vivia em vilas de casas quase todas em uma única rua central, com a igreja luterana e a casa paroquial no centro, e cada morador tinha um campo para plantar e colher seu sustento. A vida em comum era mais que uma convivência, era sobrevivência. Em vilas maiores, podia-se encontrar até delegacia de polícia.

Entre 1851 e 1930, cerca de 1,3 milhão de suecos, ou seja, 25% da população, emigraram em busca de um futuro melhor e sua principal rota de fuga foi o Estados Unidos. Nesse período, vieram para o Brasil cerca de dez mil imigrantes. No final de 1800, missionários suecos começaram a viajar pelo mundo para espalhar sua fé protestante. Segundo Kajsa Norell<sup>27</sup>, quando os missionários retornavam para a Suécia eram tratados como heróis. Tornar-se um missionário foi uma maneira de ver o mundo, afirma a autora e, portanto, eram tratados com respeito.

Frida Maria Strandberg nasce em meio a esse cenário social, em 1891. Milhares de jovens e meninas suecas foram trabalhar como empregadas domésticas em lares americanos. Todavia, Frida desejou tornar-se missionária. No início de 1900, havia 450 missionários suecos em todo o mundo, dos quais 160 pertenciam à Igreja Sueca. As mulheres tinham papéis muito maiores nessas viagens missionárias que em suas igrejas, embora houvesse alguns pregadores femininos famosos já em 1850. Dentro das igrejas pentecostais na Suécia, havia várias mulheres em posições de liderança em 1800, como ocorria em toda a Europa, como Catherine Booth, a esposa do fundador do Exército da Salvação, no Reino Unido. Cursos de Bíblia foram também abertos a homens e mulheres.

Desde o início do século XIX, a Suécia já havia erradicado o analfabetismo e os jornais circulavam em grandes tiragens por todo o país. Em 1842, o ensino primário gratuito era obrigatório. Claro que não sem resistência por parte dos setores conservadores que não viam lógica em educar os mais pobres, pois isso poderia provocar sentimentos revolucionários.

---

<sup>27</sup> NORELL, 2011.

Diferentemente da história da Educação no Brasil, a partir de 1842, na Suécia cada vez mais os filhos dos trabalhadores e da classe média baixa passaram a alcançar a universidade, ao mesmo tempo em que reformas estruturais reduziam a corrupção na administração pública. Esse modelo foi fazendo nascer uma Suécia cada vez mais desenvolvida e transparente. Surgiria também nos fins do século XIX uma série de movimentos populares de organização democrática, sindicatos e movimentos trabalhistas, que lutavam por melhorias nas condições de trabalho, bem como por direitos trabalhistas.

Grupos religiosos que pregavam práticas religiosas fora da igreja oficial luterana, as “Igrejas Livres”, surgiram como movimentos abstêmicos que defendiam o fim do alcoolismo e abriram cooperativas que organizaram a distribuição de bens de consumo mais baratos. Foram movimentos populares que atuaram como “verdadeiras escolas de treinamento democrático”, segundo Claudia Wallin<sup>28</sup>. Antes mesmo do desenvolvimento e fortalecimento do sistema parlamentar e do sufrágio para as mulheres, que só viria em 1921.

Assim a Suécia, embora com regiões de extrema pobreza durante o século XIX e início do século XX, desenvolve-se apostando em uma população educada e capacitada o que a tornaria em um país próspero e sofisticado já em meados do século XX, levando assim, muitos imigrantes de volta para casa. O país posteriormente primará seguir o “welfare state, um Estado-providência baseado na igualdade de oportunidades, solidariedade social, saúde, educação e cultura para todos”<sup>29</sup>. Para tanto, utiliza como palavras de ordem “inclusão social”. As metas do programa Estado-providência implementadas a partir de 1930 serviram para articular uma rede protetiva para os cidadãos.

Estes contextos socioculturais, diferenciados para homens e mulheres, tanto no Brasil como na Suécia proporcionaram rumos diferentes a esses dois países e, conseqüentemente, aos seus cidadãos e cidadãs. As mulheres, em geral, no Brasil além de não obter reconhecimento histórico das suas variadas lutas por direitos restam-lhes a falta de oportunidades. A Suécia proporcionará a Frida, mesmo como uma mulher pobre

<sup>28</sup> WALLIN, 2014.

<sup>29</sup> WALLIN, 2014, p. 279.

mais acesso à educação, sob uma base mais democrática, diferentemente da maioria das mulheres assembleianas, mas mesmo assim Frida foi suplantada pelo sistema patriarcal brasileiro-sueco.

### **Frida entre as mulheres que resistiram**

A história das mulheres dificilmente não será perpassada pela história dos movimentos feministas. Diante desses diversos contextos devemos ressaltar o movimento feminista brasileiro, através das várias mulheres que traçaram sua trajetória de vida por caminhos de luta. Portanto, nem mulheres pobres, nem índias, nem negras, desde a colonização exploratória no Brasil deixaram de lutar para que todas as mulheres pudessem hoje desfrutar de liberdade política e intelectual, ainda que parcialmente, pois todas e todos estão sujeitos ao sistema econômico.

A alforriada Eva Maria do Bonsucesso colocou um homem na cadeia, em 1811, após ser esbofeteada por um funcionário da realeza. Luisa Mahin, a quituteira, aprendeu a ler e escrever com a filha de seu senhor, em 1835, e foi uma das lideranças do Levante dos Malês. A índia potiguar, Clara Camarão, lutou no século XVII, na guerra para expulsar os holandeses de Pernambuco. Em 1859, Maria Firmina dos Reis, educadora negra, publicou o livro *Úrsula* que em 1975 foi reconhecida como a primeira mulher a escrever um romance abolicionista. Afinal, “o lugar da opressão é também o lugar da resistência”<sup>30</sup>.

Nas primeiras décadas do século XIX, a imprensa feminina – bastante efervescente e liderada por mulheres que tiveram o privilégio do ensino privado – reivindicava a emancipação moral e a educação pública para todas as mulheres. Alguns títulos exemplificam a intensa produção feminina nos anos 1800 como: *Espelho das Brasileiras* (PE/1831); *Belona* (RS/1833); *O Jornal das Senhoras* (RJ/1831); *O Bello Sexo* (RJ/1862); *O Sexo Feminino* (MG/1873); *A Família* (SP/1888), entre outros jornais<sup>31</sup>.

<sup>30</sup> SHUMAHER, Schuma & CEVA, Antonia. *Mulheres no Poder*. Rio de Janeiro: Edições Janeiro, 2015, p. 16.

<sup>31</sup> SHUMAHER & CEVA, 2015, p. 19.

Através da imprensa, muitas mulheres criticaram o modo como eram tratadas e como seus direitos eram negados. De acordo com estudiosas e estudiosos dessa temática, o direito do sufrágio das mulheres aqui no Brasil, e em muitos outros países, foi um dos temas que mais mobilizou o debate político do século XIX. Até então, o discurso de negação dos direitos das mulheres baseava-se sempre na resposta de que as mulheres se desvirtuariam de seus papéis “naturais” de mãe, esposa e educadora de seus filhos, causando o caos na base da sociedade.

As mulheres sempre trabalharam para manter essa sociedade patriarcal, escravocrata e, predominantemente rural, mas seus direitos de cidadania sempre lhes foram negados. Somente quem tinha posses podia exercer direitos políticos. Por isso as mulheres foram tidas como perturbadoras da ordem social vigente. Nísia Floresta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, nascida em 12 de outubro de 1810, educadora, escritora e poetisa brasileira lutou pela emancipação das mulheres, defendendo a educação como instrumento possível para tal libertação. Publicou livros em defesa dos direitos das mulheres, dos índios e dos escravos.

Entretanto, foram os papéis sociais tradicionalmente atribuídos aos homens e às mulheres que predominaram nas primeiras escolas fundadas no século XIX, nas quais, em raríssimas exceções, aceitavam mulheres fortalecendo ditos populares, tais como: “Mulher que sabe latim não tem marido e nem bom fim” e “Escravos que sabem ler acabam querendo mais do que comer”<sup>32</sup>. Essas forças não impediram que mulheres como Nísia Floresta (em 1838) e a negra Maria Firmina dos Reis (em 1880) abrissem escolas para meninas e escolas mistas, porque acreditavam na educação e no seu poder transformador.

Fatos históricos servem tanto para contextualizar a questão das mulheres como para demonstrar que elas nunca foram apáticas ao trabalho nem às lutas contra os opressores. Esses fatos não negam o apagamento intencional das mulheres na história do Brasil e nas instituições, além do largo caminho de luta das mulheres que sempre sofreram com os vários retrocessos e dos caprichos dos homens.

---

<sup>32</sup> SHUMAHER & CEVA, 2015, p. 30.

Opressão-resistência-apagamento foi o caminho percorrido por muitas mulheres. De Decca<sup>33</sup> explora como o apagamento da memória histórica pode ocultar as reais intenções da burguesia em omitir a luta de classes travada na “Revolução de 30” e apagada na memória popular por arranjos políticos. Ele a denomina como o “silêncio dos vencidos”. Contar a história a partir dessa conexão com as mulheres oprimidas que resistiram e sofreram apagamento, é contar a história dos vencidos ou a história do silêncio e/ou silenciamento dos vencidos.

Tal história nos convida a refletir sobre o protagonismo das mulheres na história e as motivações de seus apagamentos. Em 19 de abril de 1879, D. Pedro II, aprova uma lei autorizando a presença feminina nos cursos superiores, embora já houvesse mulheres anteriormente lutando por tais direitos. Entretanto, as mulheres só poderiam frequentar com autorização do pai, em caso de solteira, e do marido, caso fosse casada. Apesar de oficialmente aceitas, pouquíssimas mulheres frequentaram cursos de nível superior nessa época.

Em 1885, a gaúcha Isabel de Souza Matos, cirurgiã dentista, requereu seu direito ao voto pela Lei Saraiva n. 3.029, de 09/01/1881, que garantia o voto aos que tivessem título científico. Isabel ganhou em segunda instância, mas não exerceu seu direito, porque a República recente convocou os eleitores para a Assembleia Constituinte. Logo que Isabel soube, procurou a Comissão de Alistamento, mas como morava no Rio de Janeiro, o então Ministro do Interior José Cesário de Faria Alvim negou-lhe o direito já adquirido, alegando ser improcedente. O Ministro interpretou que a Lei Saraiva concedia direito ao voto àqueles que possuíssem título científico, mas não quando fossem mulheres, porque a mulher não tinha direito de votar nem com título nem sem título científico.

Cinco anos mais tarde, em 1890, no primeiro ano da República, outra mulher, também chamada Isabel, mas agora uma baiana, Isabel Dillon, apresentou-se como candidata a deputada na primeira Constituinte Republicana, com o argumento de que a lei eleitoral de fevereiro de 1890 não excluía as mulheres, mas só estabelecia que maiores de 21

---

<sup>33</sup> DE DECCA, Edgar Salvatori. *O Silêncio dos Vencidos: Memória, História e Revolução*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

anos que soubessem ler e escrever (não explicitando o sexo) poderiam se candidatar:

Em sua candidatura, ela defendia os princípios da igualdade religiosa, a ampla liberdade de pensamento e a aprovação de leis de proteção à criança, à mulher e ao operariado nascente. Só que, no fim, Isabel Dillon não conseguiu se quer se listar para votar, mas tornou pública sua candidatura no jornal *A Família*, de Josefina Álvares de Azevedo. Em seu manifesto enfatizou que: “(...) entendo que um governo democrático não pode privar uma parte da sociedade de seus direitos políticos, uma vez que as mulheres não foram francamente excluídas da Constituição vigente”<sup>34</sup>.

Os movimentos feministas do século XIX superaram a mentalidade de muitos homens e mulheres de nosso tempo. As mulheres que conseguiram, a despeito de suas condições, quebrar o silêncio imposto e superar a negação de suas cidadanias abriram caminhos ao direito de estudar e, posteriormente, ao direito de votar, fortalecendo as mulheres para o movimento feminista brasileiro.

Tudo quanto está sucedendo estava previsto. As democracias vão começar aprendendo a ser a expressão fiel sincera de um regime social e político da igualdade humana. A mulher que não pudera conseguir ser compreendida na Declaração dos Direitos do Homem proclamados pela Revolução Francesa, a grande paria e dolorosa escrava, que usa braceletes de ouro em memória das algemas de ferro, foi libertada pela guerra e sentada ao lado do homem no trono da terra. As mulheres russas, finlandesas, dinamarquesas, norueguesas, suecas, alemães e inglesas – quer dizer, uns cento e vinte milhões de mulheres na velha Europa – já partilham ou brevemente partilharão do governo, não só contribuindo com seu voto para a eleição dos legisladores, como podendo ser elas próprias eleitas para o exercício do poder legislativo. (...) Todos os dias se leem nos jornais e revistas do Rio apreciações deprimentes para a mulher. Não há, talvez, cidade do mundo onde menos se respeite a mulher. (...) O que deve consolar a brasileira é que os homens que

<sup>34</sup> SHUMAHER & CEVA, 2015, p. 54.

essas coisas escrevem são piores do que a pior das mulheres. E são esses os seus mais severos juízes...!<sup>35</sup>

Assim sendo, muitas mulheres brasileiras já estavam na luta quando Frida chegou ao Brasil em 1917. Vinda de um país sem analfabetos, de uma Suécia incentivada por vários projetos sociais, de um país consolidado em bases democráticas, mas que passava por muitas dificuldades devido às guerras anteriores e recentemente pela Primeira Grande Guerra Mundial. Contudo no meio religioso em que Frida participava, estranhou a falta de protagonismo das mulheres brasileiras, de tal modo que se tornou uma líder que contagiou outras mulheres de sua igreja.

### **Frida e a imprensa assembleiana**

Frida Maria Strandberg ao chegar ao Brasil, em 1917, quis logo sair às ruas, evangelizar, pregar nos cultos, viajar em missão, mas é advertida de que isso não “caía” bem às mulheres, especialmente às solteiras. Então passa a envolver-se em muitos trabalhos de cunho social e prossegue em suas realizações. Dedicou-se a costurar roupas para as crianças que andavam nuas ou seminuas pelas ruas nortistas do Brasil, preocupa-se com elas, solicita ajuda dos irmãos suecos, descrevendo a situação de pobreza que encontrara. Como enfermeira, auxilia mães e crianças em relação a noções de higiene, nos partos e dá orientações básicas de saúde.

Enquanto trabalhava nos serviços sociais, não incomodou ninguém e nem foi incomodada. No entanto, ao começar a substituir seu esposo nos serviços eclesiais, nas pregações, no ministério de ensino e, especialmente, na redação do jornal *Boa Semente* (1919-1930), começaram as tensões com Samuel Nyström. Os jornais eram meios de propagação

---

<sup>35</sup> Trecho retirado do Artigo publicado na Revista da Semana de 14 de dezembro de 1918: “Somos Filhos de Tais Mulheres”, escrito com o pseudônimo de Iracema, por Bertha Lutz. BANDEIRA, Loudes & MELO, Hildete, Pereira de. *Tempos e Memórias*. Brasília-DF, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010. (p.15,16). Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2010/titulo-e-memorias>>. Acesso em: 13.12.2015.

e comunicação entre o Brasil e a Suécia, e entre os fiéis propagando as doutrinas e notícias no campo brasileiro.

Os jornais foi um meio importante estabelecido entre os pentecostais, tanto entre os pentecostais suecos, como entre os pentecostais brasileiros e, também, entre os movimentos pentecostais norte-americanos. Possivelmente seguindo tendência europeia e norte-americana no Brasil não fora diferente. Os suecos que passaram pelos EUA certamente conheceram o jornal *Apostolic Faith*, fundado por Symour e dirigido por duas mulheres, no início do movimento pentecostal, conhecido como “Movimento da Rua Azusa”. O jornal foi sempre meio de proliferação da fé e comunicação entre os fiéis. Os jornais da denominação demonstraram aspectos teológicos da crença de Frida e dos demais líderes da nova igreja pentecostal Assembleia de Deus, bem como a demonstração das aproximações e distanciamentos de Frida e das demais mulheres contemporâneas no período que passou no Brasil.

O primeiro jornal, *Voz da Verdade* (1917-1918), não era específico do movimento pentecostal, mas comum aos evangélicos da época e teve pouco tempo de circulação. Posteriormente, o primeiro jornal da Assembleia de Deus, em Belém do Pará, o jornal *Boa Semente* (1919 a 1930), antecedeu o jornal *Mensageiro da Paz*, até hoje em circulação. O jornal *Boa Semente* tinha como dirigentes oficiais Gunnar Vingren e Samuel Nyström, mas, na prática, tinha Frida como principal dirigente, redatora e articuladora, razão para que Norell fornecesse indicações de tensões entre Frida e Samuel nesse período<sup>36</sup>.

Do mesmo modo, o jornal *O Som Alegre* (1929 a 1930), apesar de apresentar como diretor Gunnar Vingren e Samuel Nyström, a redatora e principal dirigente era Frida, pois Vingren estava sempre viajando em missão, além da capacidade e habilidades de Frida para tal trabalho. Foi o primeiro periódico da Igreja, fundada no Rio de Janeiro, em virtude da mudança da família Vingren.

A fundação de tal jornal na cidade do Rio de Janeiro compõe um dos motivos para que as relações de poder entre Samuel Nyström e Frida crescessem significativamente, levando à necessidade da Primeira Convenção das Assembleias de Deus, em 1930. Nesta Convenção, ficou

---

<sup>36</sup> NORELL, 2011.

determinado que as mulheres não fossem mais lideranças nas igrejas ou em quaisquer trabalhos concernentes à igreja. Seriam extintos os jornais de Belém, *Boa Semente*, que ficara com Samuel Nyström, e o jornal *Som Alegre*, dirigido por Frida, a fim de que ambos se fundissem no jornal *Mensageiro da Paz* e cessassem as brigas entre Samuel e Frida.

Desde a primeira edição, Frida ficou extraoficialmente na direção e na redação do *Mensageiro da Paz*,<sup>37</sup> com um ajudante, Carlos Brito, como redator. Na primeira edição, em um artigo intitulado, “Factos de interesse<sup>38</sup>”, discorrendo sobre a situação mundial e os contextos de guerras, Frida escreve: “*O estado mais doloroso sobre quase toda a face da terra, hoje em dia, é a falta de paz.*” E continua: “*Depois da guerra mundial as nações estão sendo inflamadas pelo espírito de nacionalismo, e que tem resultado em várias luctas e conflitos*”. Em meio à alusão de vários versículos apocalípticos, ela expõe o contexto mundial: “*Na Índia há constantes luctas por causa do domínio inglez. Igualmente na China há contínuas guerras e revoluções, para não falar dos judeus e dos repetidos conflitos que vem sofrendo desde há muito*”. Esses textos revelam qual era a intencionalidade e a importância dada, ao trazer contextos de conflitos da Europa, Frida desenvolve seu raciocínio sobre a falta de paz, como eminente fim dos tempos e anseio pela volta do “Redentor” de tudo e todos – Jesus Cristo. Isto posto, Frida começa a argumentar que o fim está próximo:

A idolatria em diversas formas está sendo manifestada no mundo. Na repugnante coroação das “misses”, vemos, não outra coisa, senão a adoração sensual e pecaminosa da creatura de Deus, como diz nos Rom. 1:21-23 “Em seus discursos se desvaneceram, e os seus corações insensatos se escureceram. Dizendo-se sábios, “tornaram-se loucos e mudaram a glória de Deus incorruptível em similhaça de homem corruptível. Mudaram a verdade de Deus em mentira e serviram mais a creatura do que o Creador que é bendito eternamente”<sup>39</sup>.

<sup>37</sup> Ano I, n. 1, 01 de dezembro, de 1930.

<sup>38</sup> Será mantida a grafia original em todas as citações dos jornais do *Mensageiro da Paz*.

<sup>39</sup> *Mensageiro da Paz*, 1930, p. 2 [mantida a grafia da época].

Dos conflitos entre judeus e árabes, guerras e revoluções na China, lutas na Índia, Frida denuncia o Rio de Janeiro como um antro imoral e repugnante em função do Concurso de Miss Universo, que acontecia no Copacabana Palace Hotel, o qual teve como vencedora a gaúcha Yolanda Pereira. Foi a primeira vez que uma brasileira vence o concurso, em 08 de setembro de 1930. O concurso de Miss Brasil era realizado desde 1900, mas esse recebeu muito mais atenção dos jornais. Até mesmo a revolução liderada por Getúlio Vargas foi esquecida, devido ao destaque dado para Yolanda. Esse fato chamou a atenção de Frida, que explicou ser todo aquele evento uma forma de “idolatria sensual”, em sua concepção algo muito sério e pecaminoso:

Na Rússia o horror do bolchevismo está ficando cada vez mais forte. Mas não somente allí, como também no resto do mundo, elle está ganhando cada vez mais terreno. O governo dos Soviets, na Russia, decretou ultimamente uma lei que proíbe os crentes a comprar e a vender. É necessário aceitar um “signal” para se poder viver. Esta lei está funcionando desde o mez do Novembro deste anno. Não será este “signal” a marca da besta? Vêde Apoc. 13:16<sup>40</sup>.

O texto apresenta traços da moral puritana vinda dos batistas suecos. No entanto, a construção do comunismo como sendo mais um sinal apocalíptico já vinha sendo construída pelos jornais assembleianos. Lindolfo A. Martelli<sup>41</sup> apresenta como a teologia é o mais importante legitimador de identidade de um grupo religioso dentro da história das crenças que, segundo Ginzburg<sup>42</sup>, dar-se-á sempre como resultado das relações de força entre dominados e aqueles que inculcam os novos princípios. Segundo Lindolfo, esse imaginário anticomunista assembleiano se constrói principalmente pelos jornais *Boa Semente*, *Som Alegre* e *Mensageiro da Paz*, entre as décadas de 1920 e 1930.

<sup>40</sup> *Mensageiro da Paz*, 1930, p. 2 [mantida a grafia da época].

<sup>41</sup> MARTELLI, Lindolfo A. *O comunismo como prelúdio do Apocalipse: Imaginário Escatológico das Assembleias de Deus nas décadas de 1920 e 1930*. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. Em Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH. Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em: 01.12.2015.

<sup>42</sup> GINZBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

A mentalidade maniqueísta dos líderes pentecostais, inclusive de Frida, se apresenta na defesa da luta do bem contra o mal, do cristianismo contra comunismo. O inimigo construído pelo discurso precisava ser igualmente combatido. O discurso contra o comunismo no Brasil o caracteriza como inimigo do Estado e integra a análise geopolítica. O comunismo se configurou, no pentecostalismo nascente, como inimigo da sociedade ocidental como um “inimigo social”:

O combate ao comunismo configura-se dentro dessa lógica como um critério para preservar a cristandade. O comunismo contribui com o “mundanismo” ele é agente da proliferação de vários pecados que pertencem ao “mundo”. O comunismo é entendido como um perigo, o causador da crise social. As imagens que serão criadas para descrever as práticas “mundanas” dos comunistas estão inseridas dentro de uma perspectiva de autodefesa, é a defesa do cristianismo. (...) De que forma os assembleianos produzirão imagens e representações capazes de dar sentido ao comunismo? A ação de defesa dos assembleianos dá-se de forma discursiva nas preleções, nos editoriais, nas escolas dominicais, os inimigos e heresias são ao mesmo tempo produzidos e desqualificados em todas as manifestações discursivas. A legitimidade desse discurso provém do próprio discurso religioso dado como autoritário, na crença da infalibilidade bíblica e na crença da inspiração direta do Espírito Santo sobre as pessoas<sup>43</sup>.

O movimento pentecostal, desde seus primórdios, compreenderá que o comunismo é uma ideologia que concorreria diretamente com a religião, pois negava a existência de Deus e dos valores humanos. Não somente pentecostais, mas católicos e religiosos em geral. Na luta do bem contra o mal e da religião contra o ateísmo, todo o tipo de “propaganda” negativa era produzido.

Os jornais institucionais das Assembleias de Deus sistematicamente davam notícias de perseguições, mortes e colocavam o governo russo em comparação com o império romano, que perseguiu e matou os primeiros cristãos. Apresentavam o governo soviético como o proibidor dos cultos, da literatura, do comércio, de qualquer manifestação a favor da religião.

---

<sup>43</sup> MARTELLI, 2009, p. 2.

O texto de Frida foi somente mais um dentre tantos. O imaginário pentecostal, desde cedo, foi construído sem questionar a veracidade das informações. Nesse período, apropriavam-se das informações vindas de fora, principalmente dos Estados Unidos, sem questionar. Assim construíram conceitos, símbolos e discursos.

O processo de consolidação da teologia pentecostal estava em andamento e as interpretações escatológicas, no que diz respeito ao comunismo, tinham a conotação de um sinal, como afirmou Frida em seu artigo, exibindo a clara demonstração de medo pela expansão do governo diabólico do Anticristo e da Besta.

Era preciso que a todo custo se impedisse que o comunismo russo chegasse ao Brasil. Por isso as mensagens traziam o caráter de urgência, encobertas pelo medo e apresentadas em nome de Deus. Fazia parte do imaginário religioso da época conceber o comunismo como um inimigo a ser combatido, claro que não sem intenções e manipulações por parte de quem governava a nação, além dos interesses econômicos e de quem os controlava.

Frida não tinha conflitos teológicos com os demais líderes, ao contrário, ela ajudava a compor e a construir a teologia pentecostal. Ela lutou por seus ideais, mas dentro do campo religioso. Queria ser atuante dentro da igreja à qual pertencia. Os jornais eram grandes instrumentos propagadores de defesa da fé pentecostal e vinham, sistematicamente, apresentando o comunismo como o grande inimigo da religião.

Entretanto, Frida fará uso deste mecanismo, ou seja, sob este mesmo contexto de guerra, mas para outra luta. Após quatro meses da primeira Convenção, em setembro de 1930, o jornal resultante da junção entre *Boa Semente* (Belém) e *Som Alegre* (Rio de Janeiro), na primeira edição do *Mensageiro da Paz* (ano I, n. 1 de 01 de janeiro de 1931), Frida mostrou o tom de sua luta:

A espada ainda está na nossa mão, e maiores luctas nos aguardam. O nosso coração alerta espera no Senhor, aguardando nós as suas ordens. Queremos seguir para frente – prosseguir a carreira custe o que custar, e “arvorar a bandeira às gentes”, confiando no “Deus da antiguidade”, cujos braços se estendem até nós<sup>44</sup>.

<sup>44</sup> *Mensageiro da Paz* de 01 de fevereiro de 1931, p. 1.

A espada a que se referia e que ainda estava em suas mãos seria a oportunidade de ainda escrever no jornal institucional das Assembleias de Deus? Frida demonstra sua consciência sobre a luta que travou e declara que a bandeira está arvorada para a guerra e que não desistirá por nada. No *Mensageiro da Paz* de 01 de fevereiro de 1931, Frida continua seu intento em lutar. Depois de cinco meses da Primeira Convenção de 1930, ela escreve um artigo intitulado, “Deus mobilizando as suas tropas”:

Mobilização é um movimento permanente às guerras. É o acto de preparação das tropas para a lucta. Vivemos em tempos de apprehensões, guerras e revoluções e, em muitos paizes, tem havido, ultimamente, taes movimentos. Quando a guerra é declarada numa nação, chama-se o povo para a mobilização<sup>45</sup>.

O contexto de guerra e revolução permaneceu, mas o comunismo não foi citado. A luta era interna e ninguém poderia ficar de fora, Frida prossegue:

A responsabilidade pela proclamação do reino, paira sobre nós. E o Rei (Jesus) espera que cada cidadão do seu reino, cumpra com o seu dever. Cada qual, no seu lugar, no seu posto, executando o serviço que lhe foi entregue. A primeira vez que Deus mobilizou as suas tropas, foi no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo foi derramado sobre os discípulos, no cenáculo<sup>46</sup>.

De forma figurada, Frida interpreta o cenáculo como “lugar de armamento”, descreve a “câmara dos armamentos”, pela qual os discípulos passaram para se revestirem de forças e saírem vitoriosos sobre o mal. Ela indaga:

E hoje? Deus ainda está mobilizando suas tropas? Sim, agora, para o último combate, que será travado antes da vinda de Jesus. A “câmara dos armamentos” ainda está aberta – quando quer. Sim, é verdade, mas, sabes também, que se não te apressares, ficarás atrás?

---

<sup>45</sup> *Mensageiro da Paz* de 01 de fevereiro de 1931, p. 3.

<sup>46</sup> *Mensageiro da Paz* de 01 de fevereiro de 1931, p. 3.

O Senhor procura instrumentos que Ele possa usar agora. Ele não vai ficar esperando por alguns tímidos e orgulhosos, que não se conformam com as condições, nem com a sua direção, mas vão usar os humildes, os consagrados, que se apresentam voluntariamente. Quem tem um coração inteiro para o Senhor se apresente<sup>47</sup>.

O último combate é das mulheres. De forma contundente Frida alertava que não estarão ao lado do Senhor aqueles que se acovardarem. Ela estava pronta para lutar e quem mais estaria? A luta agora seria para a sua própria sobrevivência, pelo lugar, pelo espaço que deseja e compreendia que deveria estar. Ela entendia que essa luta deveria ser de todas as mulheres que também atuavam na igreja, seja na liderança, na evangelização, no grupo de oração, nas visitas, em qualquer frente de trabalho. Ninguém deveria se intimidar e, assim, Frida perpetrou seu chamamento:

Despertemo-nos, para atender ao chamado do Rei, alistando-nos nas suas fileiras. As irmãs<sup>48</sup> das “assembleias de Deus”, que igualmente, como os irmãos têm recebido o Espírito Santo, e portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos pecadores precisam convencer-se de que podem fazer mais do que tratar dos deveres domésticos. Sim, podem também quando chamadas pelo Espírito Santo sair e anunciar o Evangelho. Em todas as partes do mundo, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização<sup>49</sup>.

As causas eram bem próximas às das mulheres feministas do Brasil, Estados Unidos e Europa, a saber, igualdade entre homens e mulheres, ter o direito de ir e vir como os homens, frequentar lugares públicos, assim como os homens, sair do espaço confinado para as mulheres, o privado, o lar, e mostrar a capacidade feminina para outros serviços-trabalhos, para além dos serviços domésticos. A diferença eram as motivações e os fins.

Enquanto as mulheres feministas contemporâneas de Frida estavam na luta pelo sufrágio, pelo direito de estudar, de exercer suas profissões,

<sup>47</sup> *Mensageiro da Paz* de 01 de fevereiro de 1931, p. 3.

<sup>48</sup> O termo irmã ou irmão não corresponde à relação consanguínea, mas é uma forma de tratamento entre os pentecostais.

<sup>49</sup> *Mensageiro da Paz* de 01 de fevereiro de 1931, p. 3.

lutavam por direitos que lhes eram negados por serem mulheres, Frida desejava igualdade para pregar e anunciar o evangelho. Embora sua motivação fosse religiosa, precisava das mesmas conquistas de direitos, votar e ser votada, ter poder de decisão e ter liberdade, como os homens da igreja.

A motivação era diferente, porque as mulheres feministas estavam lutando como cidadãs, sujeitos sociais, porque desejavam o reconhecimento não em uma religião, mas na própria sociedade. Quanto à finalidade, Frida tinha por objetivo a expansão do reino de Deus. Ela tinha “dons”, habilidades, que acreditava serem dados por Deus e queria poder utilizá-los, pois entendia ter esse direito, porque, segundo sua concepção de crença, o próprio Deus, através do Espírito Santo, havia conferido a todas e todos serem iguais perante Ele pelos dons. As mulheres feministas entendiam a igualdade não como direito dado por um Deus, mas pela condição humana da mulher e de cidadania.

Neste contexto, ainda não se traziam instrumentais teórico-metodológicos de análise feminista, o que existiam eram causas e eram suficientes; sobretudo, lutavam por todas as mulheres, enquanto Frida lutava por ela e pelas mulheres de suas igrejas.

Em certos aspectos, há semelhanças. Em outros, há distanciamentos, porque, ao mesmo tempo em que Frida fazia uso dos direitos adquiridos pelas lutas feministas e se colocava na mesma empreitada de luta por liberdade e direitos, sua mentalidade exclusivista e excludente era a mesma da maioria dos cristãos, especialmente dos protestantes pentecostais, isto é, um sistema de crenças apoiado no maniqueísmo onde a evangelização é o oferecimento de salvação. Se o evangelho pregado é aceito, você torna-se salvo ou um escolhido, do contrário, está condenado.

Essa divisão traz para o fiel uma sensação de condição de salvo, de um ser superior aos demais. É outra faceta da expansão da colonização ou a mentalidade colonizadora por outros meios, ou mesmo outra faceta do proselitismo religioso cristão. Esse sentimento de superioridade mostra uma contradição, porque ao mesmo tempo em que Frida considera um atraso o fato das “irmãs brasileiras” ficarem de fora dos espaços de trabalho e liderança na igreja, essa demanda é válida em nome de Deus e para atuar somente na igreja:

Na Suécia, paiz pequeno com cerca de sete milhões de habitantes, existe um grande número de irmãs (...) trabalhando exclusivamente no evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra (Os que estiveram na Convenção em Natal e ouviram o pastor Lewi Pethrus falar desse assumpto, sabe que é verdade). Por qual razão as irmãs brasileiras hão de ficar atrasadas? Será, que o campo não chega, ou que Deus não quer: creio que não. Será falta de coragem? Na “parada das tropas” a qual teve lugar aqui no Rio, depois da Revolução, tomou também parte, um batalhão de moças do Estado de Minas Geraes, as quaes se tinham alistado para a lucta. Para cumprir um ideal terrestre há muita coragem, porque também não há para cumprir a vontade de Deus? Não pode ser falta de direção, pois é o mesmo Senhor que dirige a obra em todo o logar. Só pode ser falta de educação espiritual ou de submissão à direção do Espírito Santo. Essa falta pode ser removida pelo esclarecimento da parte dos resistentes. As irmãs convêm buscarem santificação e consagração, para que o Senhor as possa dirigir e abençoar. Não há tempo a perder. Jesus vem em breve. O Senhor diz: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Diremos nós “Eis-me aqui, envia-me a mim”<sup>50</sup>.

As pentecostais “irmãs brasileiras” não poderiam ficar atrás das “irmãs suecas”, mas se o problema é “falta de coragem”, o exemplo para ter bravura poderia vir das mulheres que literalmente estavam nas ruas do Rio de Janeiro.

A “parada das tropas”, a que Frida está se referindo, provavelmente, está ligada à luta das mulheres da “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas”, liderada pela mineira Elvira Boni de Lacerda. Formada em Direito, Elvira lutava para além do sufrágio, pois reconhecia a desvalorização das mulheres, a desqualificação, a exploração e as precárias condições de trabalho a que eram submetidas e os salários recebidos muito inferiores aos dos homens. Elvira Boni de Lacerda já havia liderado, em 1919, a paralisação histórica conhecida como “A greve das Abelhas de Luxo”, noticiada pelo *Jornal do Brasil*<sup>51</sup>.

Entretanto, sua fama consistiu em liderar o conhecido *batalhão Feminino*, cujas mulheres auxiliaram os soldados durante a Revolução de

<sup>50</sup> *Mensageiro da Paz* de 01 de fevereiro de 1931, p. 3.

<sup>51</sup> SHUMAHER & CEVA, 2015, p. 57.

1930, em Belo Horizonte (MG). Elas formaram, voluntariamente, salões de costura para confeccionar uniformes, lençóis, ataduras e distintivos. Até ao fim da Revolução, esse batalhão de mulheres contava com cerca de 8 mil filiadas de várias regiões e, provavelmente, Frida estava se referindo a ele. Neste sentido, vale um olhar sobre parte do “Manifesto da União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas”:

Vós que sois os precursores de uma era onde possa reinar a igualdade para todos, escutai: tudo que fazeis em prol do progresso, militando no seio das nossas associações de classe, não basta! Falta ainda alguma coisa, absolutamente necessária e que concorrerá mais eficazmente para o fim desejado por todos os sofredores. É a emancipação da Mulher. Homens Conscientes! Se refletirdes um momento, vereis quão dolorida é a situação da mulher, nas fábricas, nas oficinas, constantemente amesquinhada por seres repelentes e vis. Trabalhadores! A obra da União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas é a obra iniciadora da emancipação da mulher<sup>52</sup>.

Com a vitória da revolução, o batalhão foi se transformando em associação feminina, continuando a lutar pela ampliação dos direitos políticos para as mulheres. Elvira morreu em 1932, antes de ver a aprovação do voto feminino, nesse mesmo ano. O batalhão das mulheres ocupou as ruas em função da Revolução, mas posteriormente, pelos direitos das mulheres.

Passados quinze dias da contundente publicação, “*Deus mobilizando as suas tropas*”, de 01 de fevereiro de 1931, pois as publicações eram quinzenais, Frida publica, em 15 de fevereiro de 1931, mais um artigo, agora intitulado, *O Pastor*. O texto parece depreciar o que foi estabelecido na primeira Convenção:

Muitos pensam que a consagração é que faz o pastor. É um erro – esta é, unicamente, uma confirmação da vocação de Deus, é um auxílio, para diante da lei social, poder exercitar as funções de um ministro evangélico. Nós somos muito aptos para olhar as coisas exteriores; Deus, porém, olha o interior. O faz o pastor é, primeiramente,

<sup>52</sup> União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas do Rio de Janeiro, 1920 in JARDIM PINTO, 2003, p. 35.

a vocação divina, e depois o “dom”. Não um dom natural, de palavra, mas um dom espiritual, dado pelo Espírito Santo<sup>53</sup>.

E Frida continua: “E para que serve o título sem possuir a realidade? É preferível, então, ter a realidade sem o título”. Ela finaliza, dizendo que todos os pastores prestarão contas diante de Deus, o sumo pastor, por todas as almas.

Os “homens de Deus” da década de trinta não estavam querendo aceitar as mulheres que discutiam, argumentavam e buscavam direitos de igualdade. Eles se colocavam no papel de mantenedores dos lugares que eles, anteriormente, haviam dado às mulheres, o lugar do silêncio. Era de bom tom que ali ficassem e que deveriam ser silenciosas, recatadas, discretas e de preferência que permanecessem nos lares, lugares próprios e sacralizados para elas.

Contudo, em momentos de exceções, como das guerras, as mulheres teriam a obrigação de cobrir a falta dos homens. Durante uma guerra, justifica-se a mulher entrar no mercado de trabalho. Na mesma lógica da guerra, a Primeira Convenção das Assembleias de Deus determinou quando as mulheres poderiam atuar na liderança da igreja, nos momentos de exceção, ou seja, na ausência e na falta do homem. Fora isso, elas deveriam permanecer “belas, recatadas e do lar”.

### Considerações Finais

Buscamos demonstrar com um breve contexto histórico social, a exploração e pobreza, especialmente no norte brasileiro. Um pano de fundo para o protestantismo pentecostal no Brasil, a fim de que percebamos que o movimento pentecostal não chega no Brasil sem intencionalidade definidas. A trajetória histórica-social dos missionários estrangeiros e o modo pelo qual se inseriram na mentalidade brasileira, para mudar a realidade ou mantê-la, apesar da apresentação de uma nova proposta, o pentecostalismo, como um novo derramar do Espírito, não deixa de carregar a mentalidade colonizadora-exploratória e de dominação em sua missão.

<sup>53</sup> *Mensageiro da Paz*, ano I, n.4,1930, p. 3.

Os aspectos históricos do momento, que demarcam a passagem do mundo rural para o mundo urbano, de uma economia baseada na agricultura para início do desenvolvimento industrial, bem como o surgimento do Estado Moderno contrapõe-se a paradoxal visão de mundo apocalíptico, de salvação e de rígida moral de Frida Maria e dos demais líderes da igreja. Neste contexto, há um caldo cultural das lutas das mulheres de mentalidade religiosa, socialista, anarquista, abastadas ou trabalhadoras, num combate entre oprimidos e opressores, em vista de conquistar e garantir seu protagonismo. As biografias das mulheres apresentadas revelam que elas resistiram a diversas e violentas opressões, dadas suas reais e limitadas possibilidades. Tiveram e ainda terão que ser lembradas na história. Todas acumularam os serviços domésticos, a maternidade, a fábrica e a igreja com a luta por direitos, participação e igualdade.

Frida Maria Strandberg está em certa maneira neste mesmo mover das mulheres, na busca por liberdade de atuação e pela igualdade de oportunidade, mas sob uma égide cristã evangélica pentecostal, que tem no mover do Espírito Santo a garantia da igualdade entre homens e mulheres. Até mesmo o comunismo não foi páreo para as contendas que estavam ocorrendo e ficou em segundo plano, ao menos nos artigos de alguns contribuidores do jornal, que até então tinham, no mesmo tema- o comunismo, o grande inimigo da igreja. A luta de Frida, que era por ela e pelas demais mulheres da igreja recebia apoio de pouquíssimos homens e mulheres, isto é, poucos reconheciam em seus argumentos, ideias viáveis e embasadas bíblicamente para o ministério feminino, contra a grande maioria dos homens, que negavam às mulheres a ascensão nos trabalhos da igreja.

Observemos que, após a convocação que Frida faz às mulheres assembleianas para a luta, contra a decisão dos homens, na Primeira Convenção das Assembleias de Deus, convenção esta sem a presença de uma única mulher, Joel Carlson, missionário sueco escreve para o líder sueco Lewi Pethrus:

Você pode imaginar querido irmão Lewi Pethrus tudo estava tão bem, todos os crentes aqui no Brasil louvor a Deus por sua visita e conferência em Natal. Todos aguardavam ansiosos pelo novo jornal e quando chegou: “Redator: Frida Vingren”. Foi um tapa na cara. [...] Então, depois de um tempo, veio o artigo “O Pastor”, ele literalmente

acendeu o fogo e as tensões ficaram ainda maior. Sinto que algo deve ser feito para que este trabalho glorioso não seja derrotado, pois não haverá volta. Todos os irmãos que eu conversei estão sofrendo com esse trabalho da irmã Frida<sup>54</sup>.

Os “homens de Deus” tanto suecos, quanto brasileiros demonstram preocupação e a igreja sueca corresponde lançando um apelo no jornal da denominação:

Eles [os missionários brasileiros] precisam de homens. De preferência, com as mesmas qualidades de liderança como a de Frida e Adina, mas do sexo masculino<sup>55</sup>.

Mas Frida antes da Convenção já havia marcado sua posição e escreve a Lewi Pethrus o líder da igreja sueca:

Agora, Samuel Nyström quer definir regras para uma irmã falar, faz diferença entre pregação e testemunho, faz diferença entre a pregação e a pregação. Eu só sei que o Senhor me deu uma mensagem para os crentes, para a edificação da vida espiritual. [...] É errado isso? Isso é pecado?<sup>56</sup>

As mulheres evangélicas pentecostais eram e ainda são instadas a ter como modelo feminino, as mulheres submissas. Mas um olhar mais atento e perceberemos uma Frida combativa, que em nome de sua fé, compreende que o Espírito de Deus traz igualdade. As mulheres assembleianas cresceram sem conhecer Frida, embora tenha sido uma grande liderança do início do movimento pentecostal brasileiro, atuando por quase 16 anos de sua vida em prol do crescimento da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil. Encerro citando a própria Frida Maria Strandberg: “Deus sabe, sobretudo, não vou me defender, eu sou imperfeita, um dia tudo se tornará claro”<sup>57</sup>.

<sup>54</sup> Carta do missionário sueco Joel Carlson, de 12, maio, 1932, para Lewi Pethrus in NORELL, 2011, p. 139.

<sup>55</sup> A. P. Franklin, líder da missão sueca, jornal da igreja, The Harald, in NORELL, 2011, p. 115.

<sup>56</sup> Carta de Frida a Lewi Pethrus, in NORELL, 2011, p. 134.

<sup>57</sup> NORELL, 2011, p. 158.

## Referências

- COÊLHO, Eunice Mariano. *ACRE: O Ciclo da Borracha (1903-1945)*. Niterói: UFF, 1982.
- DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque Amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *Cotidiano de Trabalhadores da República – São Paulo – 1889-1940*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DE DECCA, Edgar Salvatori. *O Silêncio dos Vencidos: Memória, História e Revolução*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- FOERSTER, Norbert H. C. *Migração e religião: padrões de migração no pentecostalismo mais antigo brasileiro*. Universidade Metodista de São Paulo. Estudos de Religião, v. 24, n. 38, 101-128, jan./jun. 2010.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre (RS): L&PM, 2015.
- GINZBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GOLDMAN, Wendy Z. *Mulher, Estado e Revolução*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- JARDIM PINTO, Céli Regina. *Uma História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.
- LOURENÇO, José Seixas. *Amazônia: Trajetória e Perspectiva*. Em *Brasil: um século de transformações*. SACHS, Ignacy.; WILHEIM, Jorge.; PINHEIRO, Paulo Sérgio. (Orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MARTELLI, Lindolfo A. *O comunismo como prelúdio do Apocalipse: Imaginário Escatológico das Assembleias de Deus nas décadas de 1920 e 1930*. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. Em *Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH*. Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em: 01.12.2015.
- MATOS, Maria Izilda S. De, e SOIHET, Rachel (org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Unesp, 2003.

- MELLO, Izabel Cristina Veiga. *Uma Leitura de Gênero a partir das Relações de Poder no Pentecostalismo Brasileiro*. Dissertação de Mestrado – IEPG – Escola Superior de Teologia: São Leopoldo (RS), 2010.
- NORELL, Kajsa. *Halleluja Brasilien! Em resa till knarkgängens, favelas och den helige andens land*. Stockholm: Ed. Bladh by Bladh, 2011.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- RIBEIRO, Ezilene Nogueira. *Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) E a Inserção Batista de Belém do Pará*. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n. 9, 2011.
- SHUMAHAR, Schuma & CEVA, Antonia. *Mulheres no Poder*. Rio de Janeiro: Edições Janeiro, 2015.
- SIPIERSKY, P. D. *A inserção e expansão do pentecostalismo no Brasil*. In História das Religiões no Brasil. Recife: UFPe/Cehila, 2002.
- WALLIN, Claudia. *Um país sem excelências e Mordomias*. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

### **Jornais**

- Som Alegre, Belém (PA), em 1919-1929.  
Boa Semente, RJ, entre 1919-1929.  
Mensagem da Paz, RJ, de 1931-1932.

Submetido em: 19/05/2017

Aceito em: 19/06/2017